

## **A RECEPÇÃO DO ARTIGO REMARQUES SUR LA MÉTHODE STRUCTURALE EN HISTOIRE DE LA PHILOSOPHIE, DE VICTOR GOLDSCHMIDT, NO BRASIL: NOTAS DE UMA TRADUÇÃO**

THE RECEPTION OF THE ARTICLE REMARQUES SUR LA MÉTHODE STRUCTURALE EN HISTOIRE DE LA PHILOSOPHIE, BY VICTOR GOLDSCHMIDT, IN BRAZIL: NOTES ON A TRANSLATION

José Roberto Sanabria De Aleluia<sup>1</sup>  
Rodrigo Pelloso Gelamo<sup>2</sup>

### **Resumo:**

Em 1981, Victor Goldschmidt contribuiu com o trabalho *Remarques sur la Méthode Structurale en Histoire de la Philosophie* como parte de uma coletânea de estudos em celebração aos 60 anos do filósofo Fernand Brunner. No ano seguinte, esse texto chegou ao Brasil de forma mais ampla ao ser publicado pela revista *Manuscrito*. O propósito principal deste artigo é duplo: por um lado, contextualizar a recepção do artigo do filósofo estruturalista nas pesquisas em filosofia no Brasil e apresentar a tradução que realizamos desse seu último escrito teórico-metodológico para o público brasileiro. Para isso, fizemos uma breve contextualização de como a historiografia da filosofia, em geral, e o estruturalismo, em particular, estavam sendo debatidos na França. Posteriormente, visitamos alguns autores brasileiros que utilizam o pensamento do autor para fundamentar suas obras e até mesmo criticá-lo. Nesse aspecto, demos um destaque especial a Porchat, que foi seu orientando de doutorado em Rennes. Pensamos que esse texto pode contribuir para jogar luz sobre a nossa tradição e formação em filosofia e o lugar que Goldschmidt ocupa nelas.

**Palavras-chave:** Estruturalismo. Historiografia. Goldschmidt.

### **Abstract:**

Abstract: In 1981, Victor Goldschmidt contributed with the work "Remarques sur la Méthode Structurale en Histoire de la Philosophie" as part of a collection of studies celebrating the 60th anniversary of the philosopher Fernand Brunner. The following year, this text reached Brazil more widely when it was published by the journal *Manuscrito*. The main purpose of this article is twofold: on the one hand, to contextualize the reception of the structuralist philosopher's article in philosophy research in Brazil and, on the other hand, to present the translation that we carried out of his last theoretical-methodological writing for the Brazilian audience. For this, we made a brief contextualization of how the historiography of philosophy, in general, and structuralism, in particular, were being debated in France. Later, we visited some Brazilian authors who have used the author's thinking to support their works and even criticize him. In this respect, we have placed special emphasis on Porchat, who was Goldschmidt's PHD advisee. We think that this text can contribute to shedding light on our tradition and education in philosophy and on the place that Goldschmidt occupies in them.

**Keywords:** Structuralism. Historiography. Goldschmidt.



<sup>1</sup> Doutorado em Educação (FFC/UNESP). Professor da Educação Básica II da rede pública do governo do Estado de São Paulo. E-mail: [jose.sanabria@unesp.br](mailto:jose.sanabria@unesp.br), ORCID: 0000-0001-6587-1374

<sup>2</sup> Doutorado em Educação (FFC/UNESP/SP). Docente dos Programas de Pós-Graduação em Educação e Filosofia (FFC/UNESP). E-mail: [rodrigo.gelamo@unesp.br](mailto:rodrigo.gelamo@unesp.br), ORCID: 0000-0003-1532-3243

## Introdução

Originalmente o texto *Remarques sur la Méthode Structurale en Histoire de la Philosophie* foi publicado em 1981, por meio de uma contribuição feita por Victor Goldschmidt em uma coletânea de estudos em celebração aos 60 anos do filósofo Fernand Brunner. O artigo chegou ao Brasil por intermédio da revista internacional de filosofia *Manuscrito*, no volume 5, nº. 2 (abril), em 1982<sup>3</sup>. A linha editorial da revista emergiu das estruturas discursivas do então recém-criado *Departamento de Filosofia da Unicamp* e prosperou através do *Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência*, o famoso CLE. Ambos os projetos foram idealizados pelo filósofo Oswaldo Porchat Pereira, que, após uma extensa trajetória formativa uspiana, dedicou-se às práticas de outras formas de filosofar na cidade de Campinas.

A revista *Manuscrito* foi mais uma ponte entre Goldschmidt e Porchat, entre França e Brasil. Foi também um sinal impresso da consolidação do intercâmbio filosófico entre esses dois países. Obviamente o debate sobre o método estrutural não era uma novidade. “Eu era estruturalista de carterinha”, confessa Porchat “[...] e assim fiquei até 1967, 1968. Eu nunca quis ser historiador da filosofia, mas, porque pesava sobre mim a herança estruturalista, eu entendia que a única maneira de fazer filosofia corretamente era fazer história da filosofia” (Pereira, 2000, p. 122).

A fidelidade e a dedicação quase religiosa à doutrina estruturalista ficaram registradas pela tradução e publicação do livro *A religião de Platão*, em 1963. Entretanto, o que mais impactou o público brasileiro foi o acréscimo como apêndice de uma reflexão de Goldschmidt apresentada no XII Congresso Internacional de Filosofia em Bruxelas, em 1953. O artigo *Temps historique et temps logique dans l'interprétation des systèmes philosophiques* (1953), traduzido por Porchat como, *Tempo histórico e tempo lógico na interpretação dos sistemas filosóficos* (1970), tornou-se mais conhecido do que o próprio livro e se capilarizou no modo do brasileiro fazer história da filosofia.

No *Prefácio* desse livro, Porchat justificava a importância do apêndice e, conseqüentemente, a obra como demonstração do método: “Outra não foi a razão por que traduzimos e, em apêndice, a comunicação que apresentou ao XII Congresso Internacional de Filosofia” (Pereira, 1970, p. 6). Assim, o apêndice, que apresenta o método de trabalho historiográfico, e o livro, que demonstra sua utilização, serviram para contribuir à formação do historiador da filosofia na USP, uma vez que aquele momento era o de consolidação, simultaneamente, do Departamento de Filosofia da USP e de um modo de fazer história da filosofia, conforme podemos notar na indicação da própria página do Departamento:

O primeiro período, que vai da fundação em 1934 até cerca de 1957, corresponde à época das Missões Francesas, isto é, de professores franceses que para aqui vieram com a tarefa específica de criar e constituir as diretrizes básicas do curso bem como formar os futuros docentes. A segunda fase, entre 1958 e 1968, corresponde à consolidação do estilo de trabalho que conferiu ao Departamento o seu caráter específico no panorama filosófico-universitário do País. Sob a influência, a um tempo diversificada e confluyente, de Granger, de Guérout, de Goldschmidt, estabeleceram-se padrões técnicos e críticos de trabalho filosófico e de estruturação acadêmica favorecidos pela postura

<sup>3</sup> Agradecemos ao corpo editorial da Revista *Manuscrito*, que gentilmente cedeu os direitos autorais para a tradução que realizamos do referido artigo.

politicamente aberta dos então catedráticos João Cruz Costa e Lívio Teixeira. Como se pode notar, era tudo novo para professores e estudantes de filosofia, que ainda reverberam o historicismo e psicologismo de Cruz Costa (USP, 2023).

Portanto, após esse período, retratado na citação acima, verificou-se um fortalecimento da abordagem filosófica baseada na leitura rigorosa e na análise textual. Esse enfoque na importância do estudo cuidadoso dos textos filosóficos e na compreensão de seu contexto histórico e cultural tornou-se uma marca distintiva do Departamento e exerceu influência significativa sobre a produção acadêmica e o ensino de filosofia no Brasil. As missões francesas, que traziam em sua bagagem o estruturalismo, foram cruciais para formar culturalmente os candidatos a filósofos brasileiros e para se criar uma identidade historiográfica uspiana que se capilarizou por todo o Brasil. De certo modo, a tradução de *Religião de Platão* e, especialmente o seu prefácio, *Tempo histórico e tempo lógico na interpretação dos sistemas filosóficos*, coroaram esse movimento com sua publicação na década de 1970. A partir de então, esse prefácio tornou-se um texto imprescindível para a formação filosófico-historiográfica, não só na USP, mas em vários cursos de filosofia no Brasil, além de modelo metodológico para uma propedêutica filosófica e um *caminho seguro* para ler e compreender os textos da História da Filosofia.

Apesar de o estruturalismo se manter como um dos principais fundamentos da formação historiográfica no Brasil, no início da década de 1980, quando o texto *Remarques sur la Méthode Structurale en Histoire de la Philosophie* veio a público, o panorama filosófico francês já havia passado por transformações significativas. O pensamento estruturalista, que antes ostentava sua hegemonia, tanto na França quanto no Brasil, enfrentava uma crise. Lucien Goldmann, em um famoso debate com Foucault e Lacan, já havia percebido a fragilidade do estruturalismo antes mesmo desse período.

Durante esse debate, uma frase tornou-se célebre: “Les structures ne descendent pas dans la rue”<sup>4</sup>, destacando as impossibilidades filosóficas de compreender os fenômenos políticos e culturais franceses apenas por meio das estruturas. Essa crítica de Goldmann revelou a insuficiência do pensamento estruturalista para lidar com as complexidades da realidade social e política.

As manifestações ocorridas nas ruas de Paris em maio de 1968 tiveram um impacto profundo nas cátedras intelectuais francesas. Figuras proeminentes como Foucault, Deleuze e Derrida, influenciadas pelas correntes estruturalistas, enfrentaram o desafio de desenvolver oposições discursivas em relação aos filósofos que buscavam compreender o tempo lógico e interpretar os sistemas filosóficos de uma forma mais abrangente.

Em resposta a Goldmann, ainda no mesmo debate, Lacan considera ilegítimo terem escrito “[...] que as estruturas não descem para a rua, porque se há alguma coisa que os acontecimentos de maio demonstram é precisamente a descida para a rua das estruturas”. (Lacan *apud* Foucault, 2009, p. 298). A

---

<sup>4</sup> Em 1969, na Sociedade Francesa de Filosofia, Michel Foucault proferiu a conferência “O que é um autor?”. Durante esse evento, Lucien Goldmann fez uma crítica contundente aos estruturalistas, especialmente direcionada a Foucault e Jacques Lacan. Goldmann trouxe à tona uma frase famosa escrita por um estudante na lousa da Sorbonne durante os agitados acontecimentos de maio: “As estruturas não descem às ruas”. Essa frase encapsula a essência da crítica filosófica e científica ao estruturalismo, ressaltando que são os seres humanos que efetivamente moldam a história, mesmo que suas ações sempre possuam uma base estruturada e significativa. (Foucault, 2009, p. 293).

justificativa lacaniana tem um teor aparentemente *genético*, ao perceber que a crítica ao estruturalismo ocorre na Sorbonne, cenário em que a descida para a rua se desenrola. Isso evidencia que, com frequência e até mesmo em sua maioria, aquilo que é considerado um ato é, na verdade, algo que não se conhece a si mesmo.

Esse movimento de 1968 provoca uma sensação de liberdade e uma necessidade de liberação da filosofia de um modo hegemônico de se fazê-la. Era necessário deixar as influências historiográficas para trás, ou pelo menos, ressignificá-las.

Os *filósofos da diferença*, corrente filosófica que se tornou bastante influente nesse período, parecem ter se rebelado contra seus mestres. Foucault, Derrida, Lyotard, Guattari, Deleuze, fizeram um movimento de estabelecer uma outra relação com o pensamento historiográfico e com a tradição clássica da filosofia. Esse último, talvez o mais “historiador” dentre os outros mencionados, fez uma história da filosofia, por assim dizer, anômala. Para ele,

A história da filosofia não é uma disciplina particularmente reflexiva. É antes como a arte do retrato em pintura. São retratos mentais, conceituais. Como em pintura é preciso fazer semelhante, mas por meios que não sejam semelhantes por meios diferentes: a semelhança deve ser produzida, e não ser um meio de reproduzir (aí nos contentaríamos em redizer o que o filósofo disse) (Deleuze, 1996, p. 169).

Para ele, fazer história da filosofia não era como propunham as várias correntes da história da filosofia, ou seja, fazer uma reflexão sobre os autores, depurar os conceitos para compreendê-los. Deleuze adotava uma abordagem mais criativa e conceitual, buscando produzir retratos mentais dos pensadores e suas ideias, indo além da mera reprodução do que eles disseram.

Foucault, por sua vez, é um filósofo que olha para a história e, especialmente, para a história da filosofia, mas não com o objetivo de interpretá-la, decifrá-la ou compreendê-la. Seu olhar para a história da filosofia é de um filósofo que procura fazer filosofia com aquilo que está à sua frente. Salma Muchail afirma em seu texto *Foucault e a história da filosofia* que:

É frequente que filósofos tomem a história da filosofia como via ou como tema de sua própria elaboração filosófica. Como via, quando se dedicam à leitura filosófica de filosofias já constituídas e, neste sentido, escrevem histórias da filosofia ou a praticam no estilo das monografias. Como tema, quando colocam questões acerca da natureza da história da filosofia e do modo adequado de ler filósofos e, neste sentido, fazem algo como uma teoria ou uma filosofia da história da filosofia. Recorrem, quase sempre, aos dois procedimentos. Digamos, logo de partida, que Michel Foucault não se ocupa com nenhum deles (Muchail, 1995, p. 15).

Em sua abordagem filosófica, Foucault demonstra um interesse primordial pelo presente, desviando-se de uma busca pela verdade e pelas possibilidades de enunciação no âmbito da história da filosofia. Nesse sentido, Foucault está mais interessado em olhar para as possibilidades de enunciação, especialmente quando se trata da história da filosofia. Um texto emblemático, do qual podemos depreender esse posicionamento, é *Qu'est-ce que les lumières?*, de 1984. Para ele,

[...] existe na filosofia moderna e contemporânea um outro tipo de questão, um outro modo de interrogação crítica: aquela que se viu nascer justamente na questão da Aufklärung ou no texto sobre a revolução: “O que é nossa atualidade? Qual é o campo atual das experiências possíveis?”. Não se trata de uma análise da verdade, consistiria em algo que se poderia chamar de análise do presente, uma ontologia de nós mesmos e, me parece que a escolha filosófica na qual nos encontramos confrontados atualmente é a seguinte: pode-se optar por uma filosofia crítica que se apresenta como uma filosofia analítica da verdade em geral, ou bem se pode optar por um pensamento crítico que toma a forma de uma ontologia de nós mesmos, de uma ontologia da atualidade, é esta forma de filosofia que de Hegel à Escola de Frankfurt, passando por Nietzsche e Max Weber, fundou uma forma de reflexão na qual tenho tentado trabalhar. (Foucault, 1994, p. 1506-1507).

Assim, enquanto Foucault propõe uma abordagem crítica que se concentra na análise do presente, outros filósofos também buscaram se afastar do pensamento historiográfico e explorar novas formas de enunciar a filosofia.

No Brasil, um exemplo notável é o filósofo Oswaldo Porchat. Embora possa parecer paradoxal, Porchat, que foi um grande divulgador da historiografia estruturalista, tornou-se um de seus primeiros críticos e foi se distanciando gradativamente do pensamento historiográfico.

No ano da publicação do artigo de Goldschmidt, que ora traduzimos, Porchat publicava o livro *A filosofia e a visão comum de mundo* (1981). Porém, as críticas ao estruturalismo foram apresentadas na aula inaugural do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo, proferida em março de 1968. No ano seguinte, foi publicizada para a comunidade filosófica através da *Revista Brasileira de Filosofia*, em 1969. *Conflito das Filosofias* talvez seja um dos textos mais assertivos contra o método estrutural uspiano. De acordo com Smith (2017, p. 34), a estrutura do artigo é simples:

O primeiro item apresenta os predecessores do problema que Porchat pretende abordar e que dá nome ao artigo: o conflito das filosofias. Trata-se de um item puramente histórico, anterior à reflexão pessoal. Esta, por sua vez, divide-se claramente em três partes. No item 2, Porchat expõe o problema do conflito das filosofias não como ele foi formulado historicamente entre os gregos, mas como se apresenta para os 'homens do século XX', em particular como ele, Porchat, concebe esse problema. Os itens 3 e 4 dedicam-se a mostrar que o conflito das filosofias é indecível. O último item extrai consequência das considerações anteriores, a saber, a recusa de todas as filosofias”

Apresentada por um Porchat que procurava se desvencilhar de seu processo formativo e de sua, por assim dizer, imersão filosófica como historiador da filosofia, a leitura estruturalista conduziu o filósofo brasileiro a um impasse: “Duas filosofias em contato são sempre dois mundos que se enfrentam, visceralmente incompatíveis e ordenados sempre à negação um do outro” (Pereira, 1981, p. 21).

A constatação das incompatibilidades entre as filosofias desafia o pensamento filosófico e levanta importantes questões epistemológicas. Como abordar a diversidade de concepções filosóficas e suas eventuais contradições? Ao confrontar o estruturalismo, Oswaldo Porchat enfatiza a inevitabilidade do conflito e da negação mútua entre diferentes filosofias, o que coloca em xeque a busca por uma verdade absoluta no campo filosófico.

O reconhecimento da multiplicidade de mundos filosóficos verdadeiros sugere uma reflexão sobre os próprios fundamentos do conhecimento filosófico e a

natureza da verdade. Essa abertura para a diversidade e a contraposição de visões pode levar à adoção de uma postura cética em relação à possibilidade de alcançar uma verdade filosófica única e definitiva.

Entretanto, por mais óbvia que a conclusão cética possa ser, Porchat não adota tal postura de imediato. Em suas palavras: “Por que prosseguir na busca, quando nenhuma esperança se justifica e nada mais se tem que a experiência repetida do fracasso? A ataraxia cética, eu fui incapaz de atingi-la” (Pereira, 1975, p. 16). Ao recusar a aporia em seu pensamento, ele propõe um elogio filosófico da vida comum. Contudo, o ceticismo foi inevitável em sua jornada. “Faz muito, muito tempo que abandonei o estruturalismo. Paradoxalmente, porém, meu convívio com o estruturalismo foi o que me levou ao ceticismo” (Pereira, 2016, p. 14).

Notadamente, as provocações não saíam impunes, diante do aparato das tecnologias normativas que o estruturalismo havia implantado na formação uspiana. A reação às reflexões de Porchat foi acompanhada por Bento Prado Jr. e Tércio Sampaio Ferraz Jr. O intenso debate travado por doze anos entre os três filósofos foi reunido no livro *A Filosofia e a Visão Comum do Mundo* (1981). A disputa, que antes ocorria nas salas de aula, ganhou espaço no debate público. *A Filosofia como Discurso Aporético*, de Tércio Sampaio Ferraz Jr., e *Por Que Rir da Filosofia?*, de Bento Prado Jr., são tentativas de contrapor o levante anti-estruturalista de Porchat.

Inferências similares foram produzidas por outros historiadores e filósofos brasileiros. Talvez a diferença nas abordagens para superar o ceticismo diagnosticado tenha ganhado profundidade pelo contato com as últimas reflexões histórico-filosóficas goldschmidtianas, especificamente com o texto *Remarques sur la Méthode Structurale en Histoire de la Philosophie*. É possível notar, nesse texto, um Goldschmidt diferente daquele do *Tempo histórico e tempo lógico na interpretação dos sistemas filosóficos*. Nesse texto, seu olhar é menos metodológico e, por assim dizer, mais filosófico. Para ele,

O método estrutural [...] pressupõe (e faz aprovar) esta verdade kantiana de que não é possível aprender a filosofia, mas, no máximo, aprender a filosofar. Uma vez que compreendemos essa verdade, o conceito de verdade dogmática, em torno do qual se chocam partidários e oponentes de uma doutrina, a da verdade-coisa, depositada em um livro, não faz qualquer sentido. (Goldschmidt, 2023, p. 166)

O foco no método estruturalista como um caminho propedêutico ganha um contorno que vai além do árduo trabalho de leitura e interpretação rigorosas do texto. Assim, sua proposta para a formação filosófica do historiador da filosofia ganha diferentes contornos.

Nesse texto, Goldschmidt dá uma resposta ao seu tempo, por um lado, procurando recolocar o debate sobre a importância, a validade e o rigor do método estrutural para se fazer história da filosofia. Ele procura recolocar a filosofia nos seus devidos trilhos, indicando a importância de se fazer filosofia como história da filosofia, por um lado, e, por outro, demonstrando que, para se fazer uma história da filosofia adequada, é necessário fazê-la pelo estruturalismo. Goldschmidt (2023, p. 150) afirma que “A ideia de estrutura está, portanto, ligada à de sistema e poderia ajudar a formular, em novas bases, a questão de saber o que é uma doutrina filosófica e, assim, a própria filosofia”.

Além disso, faz um balanço minucioso sobre o lugar que o estruturalismo deve ocupar na filosofia e dá uma resposta ao seu tempo de forma mais geral, ao compreender que, para se fazer filosofia, é necessário fazer história da filosofia, e a maneira mais rigorosa e eficaz de fazê-la é por meio do estruturalismo. Este é o núcleo central do texto de Goldschmidt: ele responde também aos críticos do estruturalismo, disseca as várias objeções a ele e o recolocando em bases bastante claras.

Distante do estruturalismo genético de Goldmann e da vertente psicanalítica lacaniana, a construção discursiva segue uma historiografia que reconstrói a arquitetônica da ordem das razões. Assim, *Remarques sur la Méthode Structurale en Histoire de la Philosophie* abre possibilidades para novas reflexões epistemológicas tanto para a história da filosofia quanto para a filosofia da história da filosofia. Vale destacar que o texto não se apresenta como uma prescrição metodológica, como encontramos em *Temps historique et temps logique dans l'interprétation des systèmes philosophiques* (1953), mas como um texto rigoroso e sóbrio em suas argumentações. Nesse sentido, o confronto lógico e, talvez, a resposta mais adequada aos moldes da concepção filosófica do método estrutural, somente apareceria nesse texto de Goldschmidt em 1981.

No Brasil, as críticas ao estruturalismo não foram tão severas. Houve, sim, vários críticos que procuram deslegitimar a centralidade da formação historiográfica em filosofia, mas não tiveram tanto êxito. A força do pensamento historiográfico em solo brasileiro foi tão grande que nem mesmo as críticas de Porchat foram capazes de deslocar, mesmo que minimamente, o seu status filosófico. Apesar das críticas feitas por Porchat ao estruturalismo como meio para se fazer filosofia, é inegável a influência de Goldschmidt sobre o seu pensamento. Essa significativa influência pode ter sido tão marcante a ponto de levar Porchat a revisar, ainda que parcialmente, suas críticas ao estruturalismo:

Permitam-me dizer-lhes que continuo totalmente convencido de que se trata possivelmente do melhor método para prolongar uma primeira hipótese interpretativa de um *primeiro passo* indispensável para qualquer apreensão do significado e escopo de um sistema filosófico. Um primeiro passo indispensável e preliminar a toda análise comparativa, a todo esforço de compreensão mais global, a uma interpretação posterior mais geral de uma obra que permita relacioná-la com seu contexto cultural, político, econômico, e que propicie sua inserção numa perspectiva mais propriamente filosófica. (Pereira, 1999, p. 132)

A força do pensamento estruturalista, em geral, e de Goldschmidt, em particular, não se limitou a Porchat, ou mesmo ao seu círculo mais próximo, ou ainda, à USP como uma instituição de formação. Em nosso entendimento, influenciou o modo de fazer história da filosofia no Brasil, como já afirmamos acima, bem como, ainda hoje fomenta um grande debate sobre o lugar que a historiografia da filosofia, e especialmente o estruturalismo, ocupam (ou devem ocupar) no modo de fazer, escrever e ensinar a filosofia no pensamento filosófico brasileiro.

Mas, qual a importância em se traduzir um texto da década de 1980, que já circulou bastante em solo brasileiro e foi objeto de estudo de tantos autores favoráveis e contrários à historiografia como fazer filosófico? A resposta está parcialmente dada com a própria enunciação da pergunta. Primeiramente, porque é um texto, juntamente com outros desse autor, mas também com os de Guérault, que são fundamentais para se compreender o porquê de fazermos a filosofia do

modo como a fazemos, por que lemos e escrevemos o que lemos e escrevemos como filosofia. Talvez, esse texto possa nos ajudar a decifrar nossa identidade filosófica. Por outro lado, esse texto pode ajudar aqueles que, apesar de terem um grande interesse, seja pelo estruturalismo em si mesmo, seja pela influência que o estruturalismo tem sobre nossa filosofia, mas que ainda não possuem fluência na leitura de textos em francês, possam ter a oportunidade de apreciar a obra desse importante filósofo estruturalista. De todo posto, nosso desejo é fomentar o debate sobre a recepção e a influência do estruturalismo em nossa filosofia, uma vez que, desde a orientação dos primeiros professores brasileiros em Rennes até os dias atuais, os textos do filósofo francês têm sido frequentemente citados e debatidos no contexto brasileiro. Assim, pensamos que essa tradução pode, se não fomentar, pelo menos trazer uma singela contribuição para os contornos desse debate. Para citar alguns exemplos da importância e da recepção do pensamento goldsmithiano no Brasil, a seguir, apresentaremos um breve horizonte de como a recepção de seus textos ainda permeia nosso pensamento.

Carlos Alberto Ribeiro de Moura, por exemplo, explorou novos caminhos sobre Goldschmidt em seu artigo *História stultitiae e história sapientiae*, em 1988. Moura (1988), que compunha a comissão de redação da revista *Manuscrito*, produziu suas reflexões através de outras perspectivas na análise da história da filosofia pelas críticas nietzschianas. Por meio do diálogo com as ideias de Goldschmidt, ele ensaiou novas abordagens em seu trabalho. Demonstrou a existência de paradoxos presentes nas teses centrais do método estruturalista, que revelam abordagens aparentemente opostas e contraditórias na análise da história filosófica. Enquanto uma dessas abordagens busca compreender o pensamento filosófico atual por meio de suas raízes históricas, influenciada pelas relações hegelianas e anticartesianas, a outra adota uma perspectiva científica racionalista cartesiana e anti-hegeliana, com os objetivos de restaurar os sistemas filosóficos sem juízos de valor e enfatizar uma análise imparcial de suas estruturas internas. Esse paradoxo coloca em confronto duas visões distintas, gerando um impasse na busca por uma conciliação e definição de um método unificado para a análise da história da filosofia.

Esse impasse também pode ser visto como uma denúncia nietzscheana à filosofia universitária, conforme apontado por Moura (1988). A posição defendida por ele revela a incapacidade da história estrutural da filosofia para escapar das críticas de Nietzsche e aprofunda o questionamento sobre a abordagem acadêmica tradicional. Essa denúncia ressalta a complexidade do debate filosófico e indica que as teses centrais confrontam-se não apenas teoricamente, mas também diante de desafios críticos presentes na própria historiografia filosófica.

Paulo Arantes, por sua vez, encontrou em *Remarques* uma fonte para propor um acerto de contas com a tradição uspiana em seu livro *Departamento Francês de Ultramar*, lançado em 1994. As reflexões metodológicas de Goldschmidt permitiram uma análise mais profunda e crítica e enriqueceram o debate sobre o tema no contexto da formação filosófica brasileira.

Ubirajara Rancan elaborou *A escola francesa de historiografia da filosofia: Notas históricas e elementos de formação* (2007), uma história concisa da escola historiográfica francesa, comprimindo o tempo entre Victor Cousin e Martial Guérault, e embasando-se nos últimos escritos de Goldschmidt. Seguindo os passos de Arantes e Goldschmidt, é possível identificar algumas produções que se destacam no contexto do pensamento filosófico brasileiro. Denilson Cordeiro

apresentou sua tese, intitulada *A formação do discernimento: Jean Maugüé e a gênese de uma experiência filosófica no Brasil (2008)*, na qual realizou um elogio romântico ao professor Maugüé.

Por sua vez, Ivan Domingues propôs uma reflexão metafilosófica, reinventando um ecletismo metodológico que mescla elementos de Antonio Candido, Paulo Arantes e Max Weber. Essa abordagem é explicitada em seu livro *Filosofia no Brasil: Legados e perspectivas – Ensaio metafilosófico* (2017), no qual busca sustentar o debate sobre a existência da filosofia no Brasil, desenvolvendo tipos ideais que almejam sustentar o qualificativo brasileira.

Há, ainda, um debate sobre a história da filosofia que adentra os meandros do ensino da filosofia. Nesse registro Rodrigo Gelamo formulou um problema diferente da tradição historiográfica e deslocou para a intersecção entre Filosofia e o Ensino da Filosofia, uma pergunta simples: “o que se espera do filósofo quando o assunto é o ensino da Filosofia?” (Gelamo, 2009, p. 27). Por mais simples que a pergunta fosse, a resposta não seguia a mesma linha, dada sua complexidade. Ainda que deslocado o problema, a recorrência à formação estruturalista ainda pode ser percebida em seu livro *O Ensino da Filosofia no limiar da contemporaneidade: o que faz o filósofo quando seu ofício é ser professor de filosofia?* (2009). Contudo, uma nova forma de colocar o problema ampliou o campo do debate sobre estruturalismo no Brasil. É notável a ampliação do debate sobre a historiografia da filosofia, a filosofia da história da filosofia e o ensino da filosofia. A obra *A invenção do Filósofo ilustrado* (2014), de José Roberto Sanabria de Aleluia, que elabora um diagnóstico arqueogenealógico da formação filosófica brasileira, através de uma crítica à recepção do estruturalismo uspiano, pode ser um indício de tais mudanças. Em sua tese de doutorado, *Por que não somos Filósofos* (2021), Sanabria de Aleluia desenvolveu uma crítica genealógica sobre a relação de poder e a construção do saber estruturalista, em um detalhado resgate documental que instaura um resgate crítico com a obra de Guérout e Goldschmidt. Vale citar também o trabalho de Augusto Rodrigues, que, de forma consistente, está diagnosticando a formação do campo de ensino de filosofia no Brasil. No livro *Como nos tornamos os professores que somos* (2020), Rodrigues estabelece um olhar criterioso sobre a recepção do estruturalismo no processo de formação filosófica brasileira, em especial para o modo como ensinamos a filosofia.

Poderíamos alongar a lista das influências e debates que se tem no Brasil sobre essa recepção, indicando mais trabalhos como o de Leandro Sardeiro, cujas preocupações buscaram evidenciar a importância da perspectiva metodológico-historiográfica para a compreensão da Filosofia como um todo, especialmente no Brasil. A partir disso, Sardeiro começou a traduzir alguns textos importantes para a historiografia filosófica francesa, de autores como Martial Guérout e Jean-Luc Marion. Tal empenho resultou na fundação do seu grupo de pesquisa dedicado ao pensamento filosófico-historiográfico, *A filosofia e sua história* (FHIS), que, desde 2019, empreende estudos nessa direção. Além disso, cabe mencionar toda a discussão que Gonzalo Armijos faz sobre o modo de pensar e fazer a filosofia no Brasil, bem como os textos de Alessandro Pimenta, Elisete Tomazzeti, enfim, vários trabalhos de uma lista que poderia se alongar e nos conduziria a outras discussões nessa apresentação.

O que podemos afirmar, portanto, é que os diálogos com as reflexões de Goldschmidt são diversos, os autores citados acima são apenas exemplos apressados da importância de traduzirmos *Remarques sur la Méthode Structurale*

em *Histoire de la Philosophie*. As obras resultantes desse intercâmbio intelectual representam uma valiosa contribuição para a compreensão da filosofia e da história do pensamento filosófico no país. Talvez, o desconhecimento dos debates metodológicos que pautaram a formação filosófica do pensamento brasileiro possa nos empurrar para uma propedêutica que, apesar de olhar para a história da filosofia, se relaciona com ela por meio de um comentarismo esvaziado de rigor metodológico.

O avivamento e o aprofundamento do debate contemplam partidários e críticos do estruturalismo. O confronto entre aqueles que se debruçarem sobre o último texto de Goldschmidt não produzirá vencedores, mas um novo campo de batalhas que beneficiará a nossa compreensão como comunidade filosófica.

Para finalizarmos, vale ressaltar que esse texto fornece-nos a base para investigarmos com maior clareza nossas tradições formativas, lançarmos luz sobre as formas de fazermos filosofia e, principalmente, ensinarmos filosofia. Nosso propósito é fomentar o acesso aos textos que ainda não foram traduzidos, mas que fornecem instrumentos para pensarmos o nosso presente. Nesse registro, a tradução de *Remarques sur la Méthode Structurale en Histoire de la Philosophie* é o primeiro ato de um movimento de publicações sobre o estruturalismo filosófico francês, dada a importância e a profundidade da recepção desse modo de fazer história da filosofia, e a influência nos modos de ensinar e aprender filosofia no Brasil, que assumimos como tarefa coletiva no *Grupo de Estudos e Pesquisa Sobre o Ensino da Filosofia* (ENFILO).

Na tradução, buscamos preservar ao máximo a estrutura do texto original, levando em consideração as diferenças linguísticas e sonoras, na medida do possível, a fim de manter o estilo e a melodia que julgamos adequados para uma versão brasileira deste artigo. Compreendendo a importância da estilística de Goldschmidt e reconhecendo a relevância do debate, optamos por manter as pontuações que valorizassem a precisão, a cadência e o ritmo de sua linguagem.

Na escolha estilística da tradução, preocupamo-nos não em adaptar os termos franceses, mas optamos por apresentar uma tradução que valorizasse ao máximo a literalidade desses termos. Assim, ao apresentar as citações e títulos das obras referenciadas por Goldschmidt, fizemos a opção de manter a versão original em nota de rodapé. Isso, porque entendemos que o autor, ao fazer uma citação, escolhe com precisão o excerto que é mais adequado àquilo que pretende dizer. Nesse sentido, a escolha da edição de determinada obra, ou mesmo uma tradução específica, faz parte da estrutura argumentativa do texto. A esse respeito, o leitor pode conferir a nota na qual Goldschmidt indica os motivos pelos quais utilizou uma determinada tradução da *Crítica da Razão Pura*, de Kant. Isso nos levou a manter as citações originais, conforme aparecem nas obras citadas pelo autor, nas notas de rodapé. Vale ressaltar que as traduções que aparecem nessas notas foram feitas por nós mesmos, sem cotejá-las com outras feitas para a língua portuguesa. Assim, pensamos que o leitor possa acompanhar nosso movimento de tradução e o movimento argumentativo do texto e, na medida do possível, conferir nosso trabalho com as edições das obras que lhes são mais familiares.

Por fim, o texto utilizado para tradução foi a publicação da revista *Manuscrito*, como já indicamos anteriormente, a quem agradecemos a generosidade de ter liberado os direitos autorais que viabilizaram essa tradução. Destacamos, ainda, que utilizamos a mesma numeração para notas de rodapé do texto original. Esperamos que a tradução em língua portuguesa da última reflexão

metodológica de Goldschmidt contribua para o desenvolvimento das pesquisas que envolvam a obra do filósofo francês.

## REFERÊNCIAS

ARANTES, Paulo. *Um departamento francês de ultramar: Estudos sobre a formação da cultura filosófica uspiana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

CORDEIRO, Denilson. *A formação do discernimento: Jean Maugüé e a gênese de uma experiência filosófica no Brasil*. 2008. Tese (Doutorado em Filosofia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 1996.

FOUCAULT, Michel. Qu'est-ce que les lumières? In: DEFERT, Daniel; EDWARD, François (Org.). *Dits et écrits II: 1976-1988*. Paris: Gallimard, 1994.

FOUCAULT, Michel. O que é o autor? In: FOUCAULT, Michel. *Estética: literatura e pintura, música e cinema/Michel Foucault. Organização e seleção de textos: Manoel Barros da Motta. Tradução: Inês Autran Dourado Barbosa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009, p. 264-298. (Ditos e escritos, III)

GELAMO, Rodrigo Pelloso. *O ensino da filosofia no limiar da contemporaneidade: o que faz o filósofo quando seu ofício é ser professor de filosofia?* São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

GOLDSCHMIDT, Victor. Remarques sur la méthode structurale en histoire de la philosophie. In: *Métaphysique, Histoire de la philosophie : Recueil d'études offert à Fernand Brunner à l'occasion de son 60e anniversaire*. Neuchâtel, 1981. p. 213-240.

GOLDSCHMIDT, Victor. Remarques sur la méthode structurale en histoire de la philosophie. *Manuscrito: Revista Internacional de Filosofia*, Campinas, v. 5, n. 2, p. 117-143, abr. 1982.

GOLDSCHMIDT, Victor. Observações sobre o Método estrutural em História da Filosofia. *Problemata: Revista Internacional de Filosofia*, João Pessoa, v. 14, n. 2, p. 146-168, 2023.

GOLDSCHMIDT, Victor. Temps historique et temps logique dans l'interprétation des systèmes philosophiques. In: *Actes du XIe Congrès international de philosophie (Bruxelles)*. Amsterdam-Louvain : 1953; XII, p. 7-13.

DOMINGUES, Ivan. *Filosofia no Brasil. Legados e Perspectivas. Ensaios Metafilosóficos*. São Paulo: Ed. UNESP, 2017.

MARQUES, Ubirajara Rancan. *A escola francesa de historiografia da filosofia: notas históricas e elementos de formação*. São Paulo: Editora Unesp, 2007

MOURA, Carlos Alberto Ribeiro de. História stultitiae e história sapientiae. *Discurso*, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 68-88, jan. 1988.

MUCHAIL, Salma Tannus. Foucault e a história da filosofia. *Tempo Social: Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, v. 7, n. 1-2, p. 15-20, out., 1995.

PEREIRA, Oswaldo Porchat. Discurso aos estudantes da USP sobre a pesquisa em filosofia. *Dissenso: Revista de estudantes de filosofia*, n. 2, 1999.

PEREIRA, Oswaldo Porchat. Meu Ceticismo. *Discurso*, [S. l.], v. 46, n. 2, p. 7-36, 2016.

PEREIRA, Oswaldo Porchat. O conflito das filosofias. In: FERRAZ JR., T. S.; PEREIRA, O. P.; PRADO JR. *A filosofia e a visão comum do mundo*. 1. ed. Brasiliense, 1981.

PEREIRA, Oswaldo Porchat. Oswaldo Porchat Pereira. In: NOBRE, Marcos; REGO, José Marcio. *Conversas com filósofos brasileiros*. São Paulo: Editora 34, 2000.

PEREIRA, Oswaldo Porchat. Prefácio. In: *A religião de Platão*. Tradução: Ieda e Oswaldo Porchat. São Paulo: DIFEL, 1970.

PEREIRA, Oswaldo Porchat. Prefácio a uma Filosofia. *Discurso*, [S. l.], v. 5, n. 6, p. 9-24, 1975.

RODRIGUES, Augusto. *Como nos tornamos os professores que somos: uma problematização da herança estruturalista nas práticas de ensinar e aprender filosofia*. 1. ed. São Paulo: Cultura Acadêmica Digital, 2020.

SANABRIA DE ALELUIA, José Roberto. *A invenção do filósofo ilustrado: notas arqueogenealógicas sobre o ensino da filosofia no Brasil*. 1. ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

SANABRIA DE ALELUIA, José Roberto. *Por que não somos Filósofos?: Notas genealógicas sobre o ensino da filosofia na Universidade de São Paulo*. Marília, 2021.

SMITH, Plínio Junqueira. *Uma visão cética do mundo: Porchat e a filosofia*. São Paulo Editora da Unesp, 2017.

USP. Página oficial do curso de Filosofia da USP. Disponível em: <https://filosofia.fflch.usp.br/departamento/hist%C3%B3rico>. Acesso em: 19 jun. 2023.

Recebido em: 08/2023  
Aprovado em: 09/2023